

Vera Duarte: retratos do cotidiano feminino

Vera Duarte: portraits of women's daily lives

Cláudia Maria Fernandes Corrêa *
Érica Antunes Pereira **



Cabo-verdiana do Mindelo, ilha de São Vicente, Vera Duarte é uma mulher que desde muito cedo mostrou sua forte inclinação para a escrita¹. Participou dos “Jogos Florais 1976” para comemorar o primeiro aniversário da independência, obtendo Menção Honrosa. Em 1981, obteve o 1º lugar com uma coletânea de oito poemas dedicados à mulher em um concurso organizado pela *Organização das Mulheres de Cabo Verde*, a OMCV. Seguiu o caminho do Direito e tornou-se a primeira mulher magistrada em Cabo Verde. Foi Presidente da *Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania* em Cabo Verde até 2008. Em 1993, assumiu, como primeira mulher, a *Comissão Africana do Direito dos Homens e dos Povos*, e, pela sua atividade em prol dos Direitos Humanos, recebeu o prêmio *Norte-Sul de Direitos Humanos de Lisboa do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa*. Foi Ministra da Educação e Ensino Superior de Cabo Verde de 2008 a 2010 e, também em 2010, recebeu a condecoração da *1ª. Classe da Medalha do Vulcão*, outorgada pelo Presidente da República de Cabo Verde por sua relevância na área das Letras.

Sua obra de estreia, *Amanhã amadugada*², de 1993, foi seguida por *O arquipélago da paixão*³, em 2001, que recebeu o prêmio *TCHICAYA U TAM’ SI* de poesia africana; pelo romance *A candidata*⁴, de 2004, recebeu o prêmio *SONANGOL* de literatura. Seu mais recente livro de poemas é *Preces e súplicas ou os cânticos*

da *desesperança*⁵, de 2005. Em 2007 publicou uma coletânea de ensaios na área dos Direitos Humanos intitulada *Construindo a utopia*⁶ e, em 2010, uma coletânea advinda de sua obra poética intitulada *Exercícios poéticos*⁷.

Na mais recente obra poética *Preces e Súplicas ou Os Cânticos da Desesperança*, Vera Duarte relembra a história da escravização e, para além, denuncia os horrores da África, mas não apenas. Suas obras, assim como seu ativismo, traduzem o não conformismo com as incoerências da humanidade e as torna objeto de estudo e reflexão em vários espaços acadêmicos, sobre os mais diversos aspectos dos dois países – Brasil e Cabo Verde –, estreitando sobremaneira os laços já existentes.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Você passou a sua infância na ilha de São Vicente. E depois, chegou a emigrar?

Vera Duarte: Meu pai tinha uma situação boa, era um comerciante bem-sucedido. Passei toda minha infância e parte da juventude aqui em São Vicente, mas quando fiz o 5º ano do Liceu e devia fazer a opção vocacional, não havia “alínea E” aqui, o que era necessário para cursar Direito. Então, eu tinha de ir para a Praia ou para Portugal. Como eu estava selecionada para fazer um acampamento no Porto naquela época, ao invés de regressar a Cabo Verde, segui para Lisboa para fazer o 6º e o 7º anos. Também lá segui para o curso de Direito. Portanto, até os meus 15 anos de idade fiquei em São Vicente. A vida jovem, no Mindelo, era muito honesta, fazíamos muitos passeios a pé, não havia tantos carros e nem tantas estradas. Levantávamo-nos às 4 da manhã e seguíamos para lugares e praias distantes na ilha, cada qual com o seu farnel.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Você foi para Lisboa, cursou Direito e se tornou a primeira Magistrada e a primeira Desembargadora de Cabo Verde, com uma carreira muito bem sucedida. Quer dizer, você é uma pioneira. Então, conte um pouco sobre a sua carreira jurídica e sobre como isso se alia à sua luta pelos Direitos Humanos em Cabo Verde e na África.

Vera Duarte: Se eu quiser ser sincera, devo dizer que acho que sempre tive um bocadinho essa tendência para as causas. Houve essa história da minha quarta classe: com dez anos, ninguém sabia o que queria ser e eu sabia que seria advogada. Então, naturalmente, quando cheguei ao 5º ano e não havia “Alínea E” aqui em São Vicente, o normal era ter mudado tudo. Mas fui para Portugal. Éramos

um grupo de quatro alunos cabo-verdianos na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa naquela altura, três rapazes e eu. Comecei o curso e deu-se o 25 de Abril. Voltei para Cabo Verde. Só que, na legislação colonial, a carreira da Magistratura estava interdita às mulheres. Abolimos as interdições ao exercício das profissões por parte das mulheres e fui a primeira a entrar para a Magistratura em Cabo Verde. Fui Procuradora da República na Praia e no Mindelo. Mais tarde, na continuação da carreira, fui para o Supremo Tribunal de Justiça como Juíza Conselheira, a primeira. Acho que a época histórica que vivi e o fato de ter ido para uma profissão que, até aquela altura, não tinha praticamente mulheres, fez com que eu acabasse sendo pioneira numa série de atividades. Fui a primeira mulher na Magistratura, a primeira no Supremo Tribunal de Justiça e, como sempre tive um pouco essa tendência para as causas ligadas aos Direitos Humanos, acabei por ser a primeira mulher na Comissão Africana para o Direito do Homem e dos Povos. Numa determinada altura, inclusive, ganhei um prêmio de Pioneirismo. Mas foi por causa da minha época histórica, pois estamos a falar de mais de trinta anos atrás, quando não havia tantas mulheres nas profissões, embora o terreno fosse fértil e o período propício à participação.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Portanto, a representatividade...

Vera Duarte: Sim. Acabei por ter esse pioneirismo e depois, como gostava de escrever, uma coisa puxa a outra e a escrita devolve algumas coisas, como o reconhecimento, eu acho. E comecei a escrever. Ao fim e ao cabo, a escrita também dá visibilidade.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Como você conciliou a vida profissional com a literatura e a vida pessoal?

Vera Duarte: Assim que tirei o curso de Direito, fui trabalhar na Praia, na Secretaria Geral do Governo, na altura em que Pedro Pires era o Primeiro Ministro. Também estava sempre nas Organizações, nessa altura muito na Organização das Mulheres de Cabo Verde, que serviu de base para tudo, porque trabalhava com a emancipação das mulheres. Íamos ao campo, a todos os pontos, e ensinávamos a ler, a limpar, a pentear. Enfim, fazíamos de tudo. Tive o apoio total da família, e quando há esses apoios e boa vontade, é possível conseguir.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Como é, para você, saber que pessoas no

Brasil – em outros países também, mas principalmente no Brasil – escrevem e refletem sobre a sua obra?

Vera Duarte: Eu acho extraordinário, porque penso que é uma generosidade muito grande das pessoas. Segui muito a lei do Presidente Lula, a 10.639/03, que obrigou o estudo da cultura africana no ensino fundamental. É uma generosidade muito grande que pessoas num país como o Brasil se interessem e estudem a nossa escrita. Foi uma descoberta muito boa, porque somos sociedades geradas pela mesma matriz. A dimensão, a localização e outros aportes fizeram a diferença, mas é indiscutível que fomos gerados pela mesma matriz. Acho que o modelo societário que se desenvolveu em Cabo Verde foi transferido para o Brasil, sobretudo para o nordeste, porque daqui foi muita gente “fazer a população” do Brasil. É interessante que nós, brasileiros e cabo-verdianos, nos conheçamos. Na verdade, nós já os conhecíamos, porque lemos muito Jorge Amado, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, seja diretamente e através dos Claridosos. Por isso é que digo que já vivemos o relacionamento com o Brasil há três estações: a estação da dor – quando daqui partiam escravos que iam para o Brasil, sobretudo para o nordeste –, mas que deixou marcas culturais também; depois, a estação da assimilação, que foi quando os ecos do Brasil vieram para Cabo Verde, seja através da Semana de Arte Moderna de São Paulo e toda essa literatura de Mário de Andrade e outros, seja pelos regionalistas brasileiros como Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Os nossos Claridosos leram isso e se identificaram com essa escrita. Digo que, agora, vivemos a estação do amor, porque cruzamos o oceano em dois sentidos: vão cabo-verdianos para o Brasil, vêm brasileiros para Cabo Verde. Os cabo-verdianos leem os brasileiros e vice-versa, de modo que estamos a viver, nesse momento, a melhor estação, pois há reciprocidade, interesse mútuo, vontade de nos conhecer, de nos relacionar, e isso é espetacular.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: O interesse pela literatura, certamente, é anterior ao interesse pelo Direito. Consegue precisar a época em que despertou para a literatura? E o processo de escrita/escritura, deu-se de que forma?

Vera Duarte: Desde que me lembro de mim, gosto de escrever, não sei por quê. Seria normal se eu tivesse alguém que escrevesse na família, de uma forma pública, mas não havia. Quando miúda, eu era bastante tímida, então lembro que entrava no guarda-fatos e escrevia às escondidas. Escrevia e depois rasgava, escrevia e depois

rasgava. Desde pequena eu escrevia versos, eram versinhos muito ligados a Deus, à natureza. Nessa época, frequentava a Igreja do Nazareno, onde havia o que chamávamos de Igreja Dominical. A Igreja do Nazareno, nos anos 60, era bastante ativa, vinham reverendos dos Estados Unidos da América fazer a pregação no Mindelo. Uma das grandes atividades que nós tínhamos aos domingos era ler e dizer poemas, e desde essa altura fiquei muito virada para essa atividade de escrita. Quando comecei a escrever, sentia vergonha de mostrar e, durante muitos anos, efetivamente, o que eu escrevia, rasgava, não mostrava a ninguém. Só depois, já no Liceu, comecei a revelar-me um pouco, a escrever textos que as pessoas gostavam e que, muitas vezes, eram lidos nas ocasiões mais solenes. Minha vida no Liceu em São Vicente não durou muito, pois só estudei até o 5º ano. O 6º e o 7º acabei por fazer em Portugal, no Colégio das Doroteias. Penso que desde cedo tive essa pulsão para a escrita, não assumida, obviamente, mas que estava lá. Depois, quando comecei a fazer o curso de Direito e, já num outro enquadramento, com a ascensão do país à Independência e muito precocemente em relação à camada feminina, eu diria, comecei a escrever. O primeiro concurso em que entrei foi o que festejou o primeiro aniversário da Independência. Lembro-me que fui para o concurso com “a cara e a coragem”. Como era anônimo, pude mandar e, entre as pessoas que tiveram uma menção honrosa, fui uma das distinguidas. Por aí a coisa começou, deu-me alguma visibilidade; o Arnaldo França, que é efetivamente um dos meus patronos em termos de literatura, notou-me e começou a me incentivar na escrita; o Luandino Vieira, outro que considero meu patrono, também me escreveu de Angola uma carta muito bonita a dizer que tinha me notado naquele concurso de 1976, quando eu tinha 21 anos, e incentivou-me a dizer que gostou muito da minha escrita. O outro patrono é Luís Romano, que também me notou nessa altura. Esses três são as minhas figuras tutelares em matéria de literatura.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Há traços autobiográficos nos seus livros em geral?

Vera Duarte: Há traços autobiográficos obviamente, pois é impossível escrevermos sem projetar um pouco do que somos na nossa escrita, mas não é uma escrita autobiográfica. Minha escrita leva partes da minha maneira de ver as coisas, da minha personalidade, dos meus combates, das minhas lutas, sem ser autobiográfica. Talvez por vivermos num meio pequeno haja uma tentação de se fazer a leitura

autobiográfica de tudo, mas não é isso! No meu caso, gosto de dizer que sou uma intérprete e tive a felicidade, desde cedo – e muito por causa da minha profissão – de ouvir muitas pessoas, muitas queixas. Também o meu ativismo social proporcionou-me a possibilidade de enxergar algumas coisas, de modo que usei a escrita como um meio de passar mensagem e de defender as ideias em que acredito. A escrita foi sempre um veículo de cumplicidade com as outras pessoas. Esse problema de confundirem autor com a obra acontece, com relação às minhas obras, principalmente em *A Candidata*, as pessoas dizem que é autobiográfico, mas não é: eu não fui para a luta de libertação e, no livro, conto a história de uma heroína que participou da luta armada, foi para a Suécia, para Guiné Conakri. Eu não fiz isso, apenas dialoguei com mulheres cabo-verdianas que, efetivamente, tiveram esse percurso. Procurei, portanto, interpretar essas mulheres. Gosto mesmo é que me vejam como intérprete de outras mulheres. É evidente que a escrita está muito situada no meu tempo histórico, na luta pelo direito, pela justiça, pelos direitos das crianças, pela emancipação das mulheres e seu direito à possibilidade de poder amar, exprimir-se, não ser silenciada ou ficar calada. Através da escrita, eu quis dar voz também às mulheres. Sem dúvida, em todo percurso de uma vida humana há momentos mais difíceis, outros mais fáceis, momentos de sentimentos mais profundos e em que se vive de uma forma diferente; portanto, há momentos claramente catárticos na minha escrita. Enfim, acho que acabo sendo um pouco multifacética: utilizo a escrita, mas ela também utiliza a mim.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Sua primeira obra, Amanhã amadrugada, tem um título provocativo, em que se revela um jogo de palavras: "a manhã, a madrugada"; "amanhã, a madrugada", por exemplo. O que, em verdade, pretendeu ao escolhê-lo?

Vera Duarte: Esse título *Amanhã amadrugada* apareceu-me porque o livro fala muito desta sociedade em construção. Tem poemas que estão muito à volta de 1974, época em que estávamos numa aventura extraordinária de iniciar a construção de um país. Cabo Verde teve a independência em 1975, e 1974, com a Revolução dos Cravos em Portugal, foi o grande momento de virmos para a terra para fazer a resistência, dizer aquilo que íamos construir. Queríamos um país sem amarras, de homens e mulheres livres, com as utopias todas que nós tivemos durante a década de 1970. Então, esse título tem muito a ver com essa época histórica, para dizer que é um país mesmo no comecinho: não é o raiar do dia, é

antes do raiar do dia, do início da madrugada. Foi um pouco essa ideia que eu quis transmitir no livro, aquilo que a gente está a começar a construir. É um pouco a linha do novo, do que vai nascer: desde a minúscula terra, a primeira luzinha que vem. Foi essa a ideia quando me veio este título *Amanhã amadrugada*.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: O que a levou a transitar entre os gêneros lírico e narrativo? Onde se sente mais a vontade?

Vera Duarte: Sinto-me mais à vontade com o gênero lírico, sem dúvida. Quanto à narrativa, andei um tempo enorme a escrever *A candidata*, porque volta e meia me dava vontade de escrever um trecho e porque estávamos também a viver uma época muito intensa, com muitos desafios. Fazíamos muita coisa e, no meio daquilo tudo, às vezes as ideias vinham e me pegavam de uma forma que era preciso escrever. Andei muitos anos com aquilo, não havia pressa. Na verdade, acho que a escrita nunca funcionou como algo de pressa aqui em Cabo Verde, ela foi sempre algo que a gente foi fazendo aos poucos, quando não conseguia mais resistir à pulsão de escrever. Aquela foi uma época em que fizemos tudo: a construção de um país, a independência, a carreira profissional e a vida familiar. Era preciso ter os filhos, criá-los, educá-los e provar que a mulher era capaz de desempenhar qualquer função. Até a véspera de ter bebê fui trabalhar, e isso foi para mostrar que a gravidez não era nada que diminuísse a mulher. Fiz muita coisa ao mesmo tempo: estava nas organizações da sociedade civil, exercia atividades na carreira e na vida familiar e, às vezes, aproveitava para escrever um momentinho, quando já não podia mais andar com aquilo. Às vezes, no meio da noite, eu me levantava e escrevia um bocado, até que, um dia, havia um concurso literário e resolvi inscrever a narrativa. Também o *Amanhã amadrugada* enviei para uma editora que não me conhecia, e eles gostaram e publicaram. A partir desse livro, que foi muito bem acolhido aqui em Cabo Verde, passei a escrever mais e continuei a participar de concursos. Fui ganhando alguns prêmios que me estimularam. Foi assim que, pouco a pouco, fui publicando. E isso começou com uma menção honrosa num concurso de 1976, porque as pessoas, depois de lerem os meus poemas, estimularam-me.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Ainda invocando o título, *Amanhã amadrugada*, e levando-o para a forma dos textos consagrada no livro, a prosa poética: isso significa uma ruptura também com a questão da forma?

Vera Duarte: Só tomei consciência disso depois. Acabei por ser a primeira pessoa,

aqui em Cabo Verde, a escrever prosa poemática, mas não tinha percebido. Comecei a escrever aqueles poemas, aqueles exercícios poéticos. Quem me estimulou de uma forma impressionante foi o Luís Romano, acho que ele gostou imenso dos exercícios poéticos. Germano Almeida também disse que de cada exercício poético eu deveria fazer um conto. No entanto, eu só escrevo quando me é dado, quando sinto aquela pulsão, e tanto posso escrever dias seguidos quanto passar eternidades sem escrever. Não tenho e nunca tive disciplina nessa matéria. Até hoje, por exemplo, o Alberto de Carvalho diz-me: “o melhor que tu escreveste foi a prosa poemática”. Saiu-me assim. Já no quarto livro, *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, quase não tem, porque não me foi dado assim. Mas é isso: só depois é que vi que tinha sido inovadora e precursora nesse tipo de escrita que agora, nos últimos anos, já tenho visto outros a escreverem.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Então uma dupla ruptura, não?

Vera Duarte: É, mas sem querer. Quer dizer: eu sabia que o que estava a escrever – não a prosa poemática em si, não a forma em si – era um desafio, sabia que o que estava a escrever podia trazer alguns dissabores. Disso tinha consciência, mas eu era uma pessoa que já vinha muito metida nessa questão da emancipação das mulheres, e então aceitava as coisas porque tinha que representar, a mudança nunca se fez sem dor, e aquilo me trouxe alguns dissabores, obviamente.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: O arquipélago da paixão, sua segunda obra, está dividido em 4 Cadernos. Qual a razão para tanto?

Vera Duarte: Acho que está na base dos cadernos uma mais vincada marca social ou uma mais vincada marca lírica. Há poemas ligados à questão telúrica também e um corpo de escrita em prosa poemática dedicada a vários autores que me influenciaram e me inspiraram. A arrumação obedeceu mais esses critérios, mas são dispersos, não há uma ordem cronológica. Distribuí os cadernos com base temática: poemas líricos, de carácter social, uma escrita telúrica e outra em que os temas, de alguma forma, são inspirados por escritores que sempre estiveram muito presentes na minha escrita. Trabalhei com os vários tipos de paixão, daí veio o título do livro. A capa de *O arquipélago da paixão* é muito importante para mim: há o farol, um elemento fundamental da cultura cabo-verdiana, porque nós somos um povo navegador ao fim e ao cabo. Este é um país de vir e ir. Saímos daqui para os

Estados Unidos da América, para o Brasil. E os outros vieram. A viagem é um elemento fundamental da cultura e da idiossincrasia cabo-verdiana. A árvore é o tarafe, símbolo da resistência do povo cabo-verdiano. O vento vem, bate, ele dobra, mas não quebra! E quando achar o vento de mudança, volta a se erguer. Outro dia vem a fome, mata, mas depois vem a chuva e tudo recomeça a viver. É muito simbólico.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Como a mulher é retratada em sua obra?

Vera Duarte: É um retrato um tanto complexo o da mulher cabo-verdiana. Ela sempre teve necessidade de trabalhar – estou a falar num geral, não de uma pequena elite –, porque Cabo Verde sempre foi um país muito avaro de riquezas, de possibilidades. A mulher cabo-verdiana, também por culpa dessa sociedade escravocrata de onde a gente vem, teve muito a seu cargo os filhos, mesmo a educação e o sustento econômico deles, de modo que se viu sempre obrigada a trabalhar. Sofreu muito as influências do machismo, pois o homem cabo-verdiano sempre foi muito machista e facilmente bateu na mulher, que suportou também isso. Nos últimos anos e com esse trabalho consistente que viemos fazendo desde a Independência, estamos conseguindo mudar um bocadinho o panorama, mas ainda falta bastante. É uma mulher que, apesar de sofrer agressões físicas e psicológicas por parte do companheiro, do namorado, do marido, do pai de filho, mantém sempre a vontade de viver e até alguma dose de alegria. Não sou socióloga, mas acho que por vezes ela abaixa a cabeça, mas depois vem outra vez ao de cima; tem esse aspecto de luta, não é uma mulher muito passiva. É uma personagem muito rica e não é em vão que dizemos que, em Cabo Verde, estamos por viver praticamente um matriarcado, porque a mulher está na luta, vai a todas as lutas, a todos os campos de batalha, e apanha, mas levanta-se e vai outra vez; penso que isso lhe dá uma força muito grande. E é por isso que, numa determinada altura, a escrita, além de ser uma manifestação artística, também apareceu como uma forma de a mulher lutar. Andamos muitos anos a dizer “a mulher é um ser igual”, portanto temos que fazer de tudo para que isso aconteça também na prática. De alguma forma, temos conseguido, o processo tem andado, claro que à custa de muitos sacrifícios da mulher. É uma personagem interessante a mulher cabo-verdiana. É uma mulher de luta.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Você vê possibilidades de transformação para as mulheres? Como vê a emancipação feminina em Cabo Verde?

Vera Duarte: Posso não ser a melhor observadora desta matéria porque vivo há mais de 30 anos nesta luta, mas acho que nós demos passos importantíssimos da geração das nossas mães para a nossa. Tivemos, no governo, mais mulheres que homens nos Ministérios, o que é uma situação única na África e no mundo: 8 ministras e 7 ministros, além do Primeiro Ministro, obviamente. Acho que isso é espelho, também, de alguma luta levada a cabo pelas mulheres. Desde o primeiro momento da Independência se formou a Comissão Organizadora das Mulheres de Cabo Verde, que depois se transformou na Organização das Mulheres de Cabo Verde, a OMCV. Desde aquela altura começou todo um trabalho de divulgação, publicação, alfabetização, enfim, de vários tipos de atividades para denunciar a situação de inferioridade, de injustiça, para dar cada vez mais voz às mulheres. É um processo que partiu da ideia de Amílcar Cabral, um homem que, nos anos 50 e 60, tinha um pensamento extraordinariamente avançado em relação às mulheres, sobre o direito de trabalharem e de serem respeitadas: ele exortava os soldados a tratarem bem as mulheres, lembrando que elas poderiam ser suas mães ou esposas ou filhas. Essa mensagem transitou um bocado pelos guerrilheiros, por aqueles que fizeram a luta armada de libertação. Claro que, quando chegaram ao poder, só tivemos homens no governo; é sempre assim nesses processos: a mulher participa na luta, mas quando chega o momento da tomada do poder, já não está. De qualquer forma, as que vieram da luta e as que estavam cá ou tinham estado a fazer alguma formação lá fora já tinham um ideal libertador, emancipador, então juntaram-se e começaram a trabalhar no governo nessa temática da emancipação da mulher, dizendo, por exemplo, que bater nas mulheres devia ser crime e que elas tinham o direito de ir à escola. O panorama, quase 35 anos após a independência, é completamente diferente: nas escolas, temos paridade – aliás, temos até mais mulheres que homens –, há mulheres em todas as profissões e é feito um combate sistemático em relação à violência contra as mulheres. Ainda há dias, assistimos à formação de um grupo de Homens de Laço Branco, iniciativa das Nações Unidas que já teve o seu eco em Cabo Verde para lutar contra a violência contra as mulheres. O país já deu passos extraordinariamente significativos em relação à questão da mulher. Não é que a caminhada não deva continuar, mas já andamos bastante. Para uma sociedade que partiu de uma situação de sociedade machista,

escravocrata, em que a mulher estava, em termos de direito e de fato, numa situação de discriminação e inferioridade, demos passos gigantescos.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Que imagem está por trás do título *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*? Qual o seu objetivo ao publicar tal obra?

Vera Duarte: Este é um livro muito vivido e muito sentido. Digo, sinceramente, que, das maiores derrotas que eu sinto – e felizmente, ao longo desse percurso, há vitórias também –, é ver que ainda temos muitas situações dramáticas no continente africano, como ditaduras, guerras, conflitos armados, doenças (SIDA, por exemplo), situações que me chocam e interpelam muito. Houve um tempo em que estive de cara metida nesses problemas, fui aos campos de deslocados e fiz de tudo: petições, declarações, conferências, seminários, integrei organizações as mais diversas (Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, Comissão Internacional de Juristas, o Centro Norte-Sul de Direitos Humanos de Lisboa, a Federação Internacional de Mulheres de Carreira Jurídica). Sempre lutei, em minha época histórica, pela primazia do Direito e pelo respeito aos Direitos Humanos, temática que desde cedo me interpelou. Vivi muito intensamente todas essas lutas e isso acabou por se projetar na poesia, que entendo também ser um meio de denúncia. Cabo Verde é dos poucos países africanos que me aquecem a alma, porque sinto que, embora ainda tenhamos muito a fazer, já fizemos bastante. Vivi tempos intensos, em que a injustiça me marcava permanentemente, de modo que escrever passava a ser uma atividade catártica também, apaziguava-me um pouco. *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* eu, efetivamente, tinha de publicar, porque apareceu-me como intuição no momento em que estive em Gorée, na Maison des Esclaves. É um grão de areia, mas é de todos os grãos de areia que a gente faz as praias ou o fundo do oceano. Eu tinha de publicar para juntar a minha voz à daqueles que lutam com todas essas situações tão extraordinariamente marcantes para o ser humano que vive nessas terras. E escrevi.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: O livro parece tentar mostrar ao poder dominador que os males pelos quais a África passa são de sua responsabilidade. É um livro que busca uma transformação social?

Vera Duarte: Busca, mas dentro da sua limitação e da sua reduzida dimensão. Busca chamar a atenção, interpelar. O desejo é ajudar a contribuir para tomadas de

consciência, para mudanças de atitude, se é que se pode admitir acreditar nessas utopias. Escrevi e publiquei com a intenção de poder juntar minha voz à voz daqueles que procuram mudar esse estado de coisas que entendemos que não deve continuar. Um dia temos que acabar com isso, com os golpes de Estado, com as ditaduras, com todas essas atrocidades. Está-se a dar uns passinhos ainda muito tímidos.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Você consegue especificar em qual obra essa preocupação com as mulheres ficou mais patente?

Vera Duarte: Acho que, por exemplo, n' *A Candidata*, eu retrato muito aquilo que entendo ser um percurso virtual de uma mulher dos nossos tempos, da segunda metade do século XX, que, como sabem, foi extraordinário, sobretudo na temática da emancipação da mulher. Nós fizemos a luta de libertação, em Cabo Verde e na Guiné, sob o pensamento de Amílcar Cabral, um líder que, em relação à mulher, tinha um pensamento muito avançado: em 1956, ele lançou no programa político do PAIGC pensamentos em relação à mulher, a igualdade de gênero, ao direito da mulher trabalhar, de se fazer respeitada, combatendo a violência doméstica. Todos esses princípios foram consignados anos depois, na *Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher*, em 1969. Sempre gostei muito de ler as obras de Amílcar Cabral, ele refletia muito sobre a questão da mulher. Nos dias 8 de março, ele fazia, mesmo em Conakri ou nas zonas libertadas, discursos muito focados na emancipação da mulher. No romance *A Candidata*, retomo essa questão e reflito sobre ela. Também em *Preces e Súplicas ou Os Cânticos da Desesperança* reflito sobre as emoções, os sentimentos, as atividades, as frustrações, as esperanças que a gente põe em relação aos direitos humanos, e, sobretudo, em relação ao continente africano e tudo que marcou a nossa trajetória. E é mesmo por isso que o livro é dedicado a toda essa população de homens e mulheres que saíram do continente africano para fazerem trabalho escravo em outros continentes. Já *O Arquipélago da Paixão* está dedicado ao amor, até porque ele também faz parte desse círculo.

Érica Antunes e Cláudia Corrêa: Em seu livro mais recente, *Preces e Súplicas ou Os Cânticos da Desesperança*, há uma epígrafe muito interessante de Manuel Alegre: “Há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não”. O conjunto de sua obra parece ser todo resumido a essa epígrafe porque, em suas obras, você passa por todas essas questões: direitos

humanos, amor, ética, direito à vida e dignidade. De certa forma, poderíamos reunir suas obras sob essa epígrafe?

Vera Duarte: Aí é que eu digo que fazemos a relação inconscientemente. Manuel Alegre tem uma escrita e uma poética de que eu gosto muito: gosto não só da forma como ele escreve poesia, mas também dos sentimentos que passam pela poesia. Atrai-me a poesia que traz e encontro isso muito em Manuel Alegre. Esses versos “Há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não” são tocantes e, em determinado momento, achei que era a cara do *Preces e Súplicas ou Os Cânticos da Desesperança*. Se nós conseguimos combater a escravatura, foi porque apareceram os abolicionistas que, efetivamente, conseguiram; se conseguimos combater o colonialismo, houve gente para lutar contra ele. Enfim, é essa a dialética permanente e importante que se diga.

Notas

* Cláudia Maria Fernandes Corrêa é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: claucorre@terra.com.br

** Érica Antunes Pereira é doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutoranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: erica.antunes@gmail.com

¹ Entrevista concedida nos dias 09 e 14 de dezembro de 2009, respectivamente, na cidade da Praia (Ilha de Santiago) e do Mindelo (Ilha de São Vicente), em Cabo Verde. Roteiro de Cláudia Maria Fernandes Corrêa e Érica Antunes Pereira (com estadia custeada pela FAPESP – bolsa de Doutorado) no âmbito do Grupo de Estudos Cabo-verdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP, supervisionado pela sua coordenadora, Profa. Doutora Simone Caputo Gomes, em viagem exploratória a cinco ilhas de Cabo Verde, realizada por ela, Antônio Aparecido Mantovani, Cláudia Maria Fernandes Corrêa, Cristina Amaral Maran, Érica Antunes Pereira e Genivaldo Rodrigues Sobrinho, no período de 07 a 20 de dezembro de 2009.

² A primeira edição de *Amanhã amadrigada* foi publicada em 1993, em Lisboa (Portugal), pela Editora Vega. A segunda edição, de 2008, foi publicada na Praia (Cabo Verde), pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

³ A obra *O arquipélago da paixão* foi publicada no Mindelo (Cabo Verde), em 2001, pela Editora Artilheira.

⁴ O romance *A candidata* foi publicado em 2004, em Luanda (Angola), pela União dos Escritores Angolanos. Em 2012, foi publicado no Brasil pela Editora Nandyala, de Belo Horizonte.

⁵ A obra *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, de 2005, foi publicada em Lisboa (Portugal), pelo Instituto Piaget.

⁶ *Construindo a utopia: temas e conferências sobre Direitos Humanos* foi publicado em 2007, na Praia (Cabo Verde), em Edição da Autora.

⁷ A coletânea *Ejercicios poéticos: Ejercícios poéticos* integra a coleção *Horizontes Insulares* e foi publicada em 2010, nas Ilhas Canárias, pela Editora Gobierno de Canarias.

Recebido em: fevereiro de 2013.

Aprovado em: abril de 2013.